

EXPOSIÇÃO
PAULO BOMFIM,
O POETA
DAS DUAS CORTES
TRE-SP – TJSP
2023-2024



Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

Presidente

Des. Paulo Sérgio Brant de Carvalho Galizia

Vice-Presidente e

Corregedor Regional Eleitoral

Des. Silmar Fernandes

Juizes-Membros

Maria Cláudia Bedotti

Regis de Castilho Barbosa Filho

Marcio Kayatt

Luís Paulo Cotrim Guimarães

Juizes Substitutos

José Antonio Encinas Manfré

Roberto Maia Filho

Francisco Carlos Inouye Shintate

Maria Domitila Prado Manssur

Danyelle da Silva Galvão

Luiz Alberto de Souza Ribeiro

Procurador Regional Eleitoral

Paulo Taubemblatt

Procuradora Regional Eleitoral substituta

Adriana Scordamaglia

Juíza Assessora da Presidência

Denise Indig Pinheiro

Juíza Assessora da Corregedoria

Fernanda Mendes Simões Colombini

Juiz Coordenador da Comissão de Gestão da Memória

Carlos Alexandre Böttcher

Tribunal de Justiça de São Paulo

Presidente

Des. Ricardo Mair Anafe

Vice-Presidente

Des. Guilherme Gonçalves Strenger

Corregedor-Geral da Justiça

Des. Fernando Antonio Torres Garcia

Decano e Presidentes das Seções de Direito Privado, de Direito Público e de Direito Criminal

Des. José Carlos Gonçalves Xavier de Aquino

Des. Artur Cesar Beretta da Silveira

Des. Wanderley José Federighi

Des. Francisco José Galvão Bruno

Coordenador do Museu do TJSP

Des. Octavio Augusto Machado de Barros Filho

PAULO BOMFIM, O POETA DAS DUAS CORTES

O Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo e o Tribunal de Justiça de São Paulo unem-se, com grande honra, para apresentar à sociedade paulista e brasileira a exposição “Paulo Bomfim, o Poeta das duas Cortes”, timbrando, assim, a inauguração do espaço museológico que leva o nome do trovador da Pauliceia na sede da Corte Eleitoral.

Paulo Bomfim (1926-2019), menestrel da amorosidade e da existência, bardo das raízes paulistas e da Epopeia Cívica de 1932. Atuante em jornais, no rádio e na TV. Filósofo do cotidiano, frasista insuperável, memorialista afetuoso. Aliás, por meio de suas crônicas, é possível ao paulistano de hoje conhecer a humanidade de uma São Paulo que não mais existe.

Seu primeiro livro, Antônio Triste, de 1947, com prefácio de Guilherme de Almeida e ilustrações de Tarsila do Amaral, rendeu-lhe o prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras. Em 1981, a União Brasileira de Escritores conferiu-lhe o Troféu Juca Pato, expressão corporificada do Prêmio “Intelectual do Ano”. Foi eleito, em 1991, como o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, o último de uma linhagem iniciada por Olavo Bilac. Em 23 de maio de 1963, Paulo Bomfim, com quase 37 anos de idade, tomou posse na Academia Paulista de Letras.

Seguindo uma tradição de poetas-gestores culturais que teve Mário de Andrade e o próprio Guilherme de Almeida como expoentes, foi diretor técnico do Conselho de Cultura da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Estado de São Paulo e curador da Fundação Padre Anchieta – Centro Paulista de Rádio e TV Educativas.

No Tribunal de Justiça de São Paulo, foi chefe do cerimonial, chefe de gabinete, relações públicas e orientou o Museu do TJ. Escreveu o hino da instituição e a “Oração aos meus amigos do Tribunal de Justiça”. No Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, fundou o Centro de Memória Eleitoral (CEMEL), dedicando-lhe um tocante poema e sendo, por longos vinte anos, seu coordenador cultural honorífico. Tornou-se o patrono da memória político-eleitoral paulista. Esses notáveis desempenhos alçaram-no à rara condição de personalidade civil a receber as comendas máximas de ambas as Cortes: o Colar do Mérito Judiciário e o Colar do Mérito Eleitoral Paulista.

Em terras paulistas, a Justiça e a Poesia caminham juntas, de mãos dadas. Graças a Paulo Bomfim, tesouro ético de todos nós.

Des. Paulo Sérgio Brant de Carvalho Galizia
Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

Des. Ricardo Mair Anafé
Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo



PAULO BOMFIM, AQUELE MENINO

“Eu sou aquele menino que cresceu por distração.”



Nascido em São Paulo, no dia 30 de setembro de 1926, filho único de Simeão Santos Bomfim e Maria de Lourdes Lébeis Bomfim, Paulinho brincava no terraço do prédio onde morou até os dois anos de idade, na Praça Júlio Mesquita nº14.

AQUELE MENINO

Eu sou aquele menino
Que o tempo foi devorando,
Travessura entardecida,
Pés inquietos silenciando
Na rotina dos sapatos,
Mãos afagando lembranças,
Olhos fitos no horizonte
À espera de outras manhãs.
- Ai paletós, ai gravatas,
Ai cansadas cerimônias,
Ai rituais de espera-morte!

Quem me devolve o menino
Sem estes passos solenes,
Sem pensamentos grisalhos,
Sem o sorriso cansado!
Que varandas me convidam
A ser criança de novo,
Que mulheres, só meninas,
Me tentam a cabular
As aulas do dia a dia?
Eu sou aquele menino
Que cresceu por distração.

Paulo Bomfim



Paulo Bomfim e o desenhista Mauricio de Sousa.



Paulo Bomfim e o ator Lima Duarte, velhos amigos desde a época da TV Tupi.

Bomfinianas

Viveu de citações e morreu entre aspas.

Passaremos, somos nuvens.

MINHA INSÓLITA METRÓPOLE



Minha insólita metrópole, capital de todos os absurdos!

Música eletrônica em fundo de serenata, paisagem cubista com incrustações primitivas, poema concreto envolto em trovas caboclas.

Cidade feita de cidades, bairros proclamando independência, ruas falando dialetos, homens com urgência de viver.

Oceano feito de ilhas. Ilhas chegando, ilhas sangrando, ilhas florindo.

Os céus cansados do concreto que arranha. Cresce o mar das periferias.

No barco dos barracos navega um sonho. No fundo de cada um dos

cidadãos do mundo, dorme a província.

Ali a velha igreja com seu campanário esperando a mantilha da noite.

Anúncios luminosos piscam obsessões. O asfalto é irmandade de credos.

No centro, todos os vícios e todas as virtudes convivem nas esquinas da São João.

Os domingos são quadrados. Cabem dentro da tela de cinema, do aparelho de televisão, da página do jornal, do campo de futebol.

O metrô é mergulho no inconsciente urbano. Nele o mesmo silêncio dos elevadores. Convívio de sonâmbulos, de antípodas da fila de ônibus e do trem de subúrbio onde há tempo para o cansaço florir num sorriso.

Aqui o verde é esperança cobrindo o frio de existir.

Teatros e o ballet da multidão, museus contemplando o quadro dos que se agitam, orquestras e a sinfonia de uma época em marcha. Nestes tempos modernos, Carlito operário ou estudante, comerciante ou burocrata, é técnico em sobreviver.

Planalto dos desencontros, porto dos aflitos, rosa de eventos onde até o futuro tem pressa de chegar.

Mal-amada cidade de São Paulo, EU TE AMO!

Paulo Bomfim



O abraço do radialista Salomão Êsper.



Com o apresentador de TV Fausto Silva e o chef José Alencar de Souza: Faustão denominou Paulo Bomfim de “poeta inoxidável”.

Bomfinianas



Somos personagens de um romance que gira em torno do sol.
Falar sozinho é ter assunto.

PROFISSÃO DE FÉ

Cabe ao poeta falar
Em nome do que é silêncio,
Deixar que os mortos não morram
E semear de novos ritmos
Os campos do amanhecer.
Cabe ao poeta a missão
De plantar luzes na noite,
De cantar um canto novo,
Desencantar a verdade,
E oferecer aos irmãos
Um tema para viver!
Cabe ao poeta ser livre,
E que de veias abertas
Dê de si aos que têm sede

De justiça e de beleza,
E alimento aos que caminham
Com fome de redenção.
Cabe ao poeta cantar
A terra que se faz alma,
Ser palavra em boca simples,
Amizade em hora amarga,
Alegria entre as crianças,
Amor junto a mocidade,
Ternura sobre a velhice,
Cabe ao poeta falar:
- Se calar é porque é morto,
Por paixão de ter vivido!

Paulo Bomfim



Comemoração de 7 de setembro de 1975 no Monumento à Independência, bairro paulistano do Ipiranga: Paulo Bomfim, uma vez mais como o poeta cívico de São Paulo.



Sessão solene comemorativa dos 150 anos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, 11 de agosto de 1977: para tal ocasião, Paulo Bomfim escreveu poema dedicado às venerandas Arcadas, **Creio em ti ó Faculdade!**

Bomfinianas

A vida é um abrir e fechar de olhos.

Nada mais original do que ser fora de moda.

OS JOVENS DE 32

Onde estais com vossos ponchos,
Os fuzis sem munição,
Os capacetes de aço,
Os trilhos do trem blindado,
O lema de nossas vidas,
A saga de vossos passos,
Ó jovens de 32!
Em que ossário vossa audácia
Fala aos que dormem por fuga,
Em que campo vossa morte
Clama aos que morrem em vida,
Em que luta vosso luto

Amortalha os tempos novos
Ó jovens de 32!
Vantai daquelas trincheiras,
Vantai de vosso martírio,
Vantai com vossos ideais,
Vantai com o sangue que destes,
Vantai com os brios de Julho,
Vantai ao chão ocupado,
Vantai à casa esquecida,
Vantai à terra traída,
Vantai, apenas vantai,
Ó jovens de 32!

Paulo Bomfim



O escoteiro Paulo e seu pai, Simeão Bomfim, 1932: o escritor Mário de Andrade sugeriu, brincando, que o menino levasse, de bicicleta, as cartas para os soldados no front.



Mausoléu ao Soldado Constitucionalista (Obelisco do Parque Ibirapuera), 9 de julho de 1968: Paulo Bomfim ajusta o microfone para Guilherme de Almeida, *O Poeta de 32*, ler sua **Oração ante a última trincheira** (logo atrás de Guilherme, o governador Roberto de Abreu Sodré).

Bomfinianas

Uns pintam o cabelo, outros pintam quadros, preferi pintar o 7.

É espantoso como se fala mentira em nome da verdade.

CENTRO DE MEMÓRIA ELEITORAL

Este Centro que é Memória,
Esta memória que é voto,
Este voto que é verdade,
Esta verdade que é voz,
Esta voz que é liberdade!
Aqui um Centro que centra
O coração das campanhas,
Os comícios de paixão,
O palpitir das legendas,
As plataformas ao vento,
O apurar dos embates!
Aqui a democracia
Faz do voto uma trincheira
Contra toda a tirania,
E o eleitor lembra com orgulho

Da mocidade que um dia
Escreveu com sangue e alma
A epopeia da Lei
Naquele 9 de julho!
Neste Centro que é Memória,
Nas urnas dos corações,
Há de ficar para sempre
Este voto de esperança
No porvir de nossa terra,
Este voto de confiança
No ideal da cidadania,
Na consciência e vigilância
Da Justiça Eleitoral
No Chão de Piratininga!

Paulo Bomfim

(poema declamado pelo próprio autor quando da inauguração, em 12 de agosto de 1999, do Centro de Memória Eleitoral, na sede do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo)



Inauguração do Centro de Memória Eleitoral (CEMEL), no átrio de entrada do edifício-sede do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, em 12 de agosto de 1999: Paulo Bomfim, fundador do CEMEL, lê o poema especialmente escrito para aquele momento, sob o olhar, à sua direita, do desembargador Nelson Schiesari, então presidente do TRE-SP e responsável por chamar o Poeta para criar o órgão museológico na Corte. Paulo Bomfim permaneceu, por vinte anos, como coordenador cultural honorífico do CEMEL.



O poeta Paulo Bomfim recebe o Colar do Mérito Eleitoral Paulista das mãos do desembargador Walter de Almeida Guilherme, então presidente do TRE-SP, em 22 de junho de 2010.

HINO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO

Letra de Paulo Bomfim

Música do Coronel PM Luiz Eduardo Pesce de Arruda

Tribunal, Tribunal de Justiça
Onde a Lei é padrão de conquista,
Tradições se renovam num templo
Corpo e alma da terra paulista.

O Passado é Presente e Futuro
No Palácio plantado na História,
E entre salas, vitrais e colunas,
Surgem togas cobertas de glória.

Tribunal, Tribunal de Justiça,
Nosso chão, nosso altar, nossa grei,
Fala a voz de distantes comarcas,
E caminhos são passos da Lei.

Judiciário Paulista ei avante
Nas auroras que estão a chegar.
Uma luz anunciando alboradas
Ilumina a missão de julgar.

Tribunal, Tribunal de Justiça,
Sobre a espada da Lei a balança
É o Saber que se faz Julgamento,
É sentença que é sol de esperança.

(o hino foi executado pela primeira vez no dia 3 de fevereiro de 2009, abertura do Ano Judiciário – 135º Aniversário do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, pelo Coral e Orquestra da Polícia Militar do Estado de São Paulo)



Abertura do evento “Epopeia de 32 – Uma Visão Bomfiniana”: para celebrar história, arte, cultura e vida no Salão dos Passos Perdidos do Palácio da Justiça e homenagear os 88 anos de Paulo Bomfim, em 30 de setembro de 2014.



O desembargador Paulo Sérgio Brant de Carvalho Galizia, presidente do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo para o biênio 2022/2023, cumprimenta Paulo Bomfim por ocasião do evento alusivo à memória da Revolução Constitucionalista de 1932 e aos 88 anos do Poeta, em 30 de setembro de 2014.



O desembargador Ivan Ricardo Garisio Sartori, presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo no biênio 2012/2013, e o ministro Carlos Augusto Ayres de Freitas Britto, então presidente do Supremo Tribunal Federal, homenageiam o Poeta, agraciado com o Colar do Mérito Judiciário, em 17 de julho de 2012.

Bomfinianas

O poema nasce da alma do poeta e se completa no coração do leitor.
 Todo o diálogo termina sempre em dois monólogos.

O MITO FUNDANTE DA MEMÓRIA ELEITORAL PAULISTA

A milenar história da Igreja Católica sedimentou uma regra de ouro para a consagração de cada novo templo de sua fé: a presença de uma ou mais relíquias da pessoa beatífica à qual será dedicada a casa de oração: um fragmento de osso, fios de cabelo, um objeto de uso pessoal. É uma afirmação de autoridade espiritual, um sólido fundamento de legitimidade à atividade eclesial e metafísica que doravante será desenvolvida naquele sítio.

Toda instituição de cunho espiritual, social ou cultural que pretenda iniciar e desenvolver a contento sua trajetória de atividades e influência no meio em que atua, necessita também de uma pedra angular, de um alicerce que reforce sua autoridade e que garanta que sua identidade não se perca ao longo da jornada.

O CEMEL – Centro de Memória Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo tem a ventura de contar com essa relíquia, que se constitui em verdadeiro mito fundante da memória eleitoral paulista: o seu fundador e pai intelectual, Poeta Paulo Lébeis Bomfim, Príncipe dos Poetas Brasileiros e membro da Academia Paulista de Letras desde 23 de maio de 1963.

Todo mito carrega um valor simbólico, atemporal. E um mito fundante adiciona a essa carga metafórica a força seminal de dar vida a algo que irá muito além de seu horizonte temporal, transformando-se em uma força que influenciará a sociedade de forma indelével, inexorável e luminosa.

Paulo Bomfim, com seu carisma e intensidade poética, que nem a sua passagem para o céu dos bardos e aedos em 7 de julho de 2019 conseguiu esmaecer, foi grande incentivador da consolidação da memória eleitoral em São Paulo, patrocinando, com seu prestígio e grande entusiasmo cívico, a formação definitiva de uma instituição que cuidaria permanentemente do legado histórico da democracia nestas plagas: o CEMEL, curador perpétuo do tesouro documental, imagético e museológico da atividade eleitoral paulista, desde 1932, passando pela interrupção do funcionamento da Justiça Eleitoral pelo Estado Novo entre 1937 e 1945 e a retomada da normalidade democrática que se seguiu, o regime de 1964 e a redemocratização.

Com a retaguarda de tamanho vulto intelectual, o CEMEL segue com sua árdua mas abençoada missão, com os pés bem firmados em seu mítico fundamento, as mãos ocupadas em fabricar a matéria dos sonhos republicanos e o olhar sempre mirando o horizonte da democracia.

Alicio Reginatto Júnior



Inauguração, em 2015, da exposição “As cores de vida”, com obras da pintora Graci Dallari: Paulo Bomfim e, à sua direita, Hécio de Abreu Dallari Júnior, filho da artista plástica, atentos à manifestação do desembargador Ricardo Mair Anafe, então presidente da Seção de Direito Público e presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo para o biênio 2022/2023.



Paulo Bomfim e Viviane Senna na abertura da Exposição “Revivendo Ayrton Senna”, em 2014.



Descerramento da placa de inauguração do Centro Cultural do Museu do Tribunal de Justiça, no Palacete “Conde de Sarzedas”, em 19 de dezembro de 2007, vendo-se, da esquerda para a direita: os desembargadores Alexandre Moreira Germano, coordenador do Museu do TJSP à época, e Celso Luiz Limongi, presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo no biênio 2006-2007, o então secretário estadual de Justiça e Defesa da Cidadania, Luiz Antonio Guimarães Marrey, e o poeta Paulo Bomfim.

Bomfinianas

Até mesmo no amor estamos sempre sós.

O homem ama a verdade. E tem filhos com a mentira.

VOVÓ DO PITO, O POETA, A DAMINHA E O MELHOR DENTRO DE NÓS



Vovó do Pito, pelo pincel de van Emelen

Numa tarde nostalgicamente encoberta pelas brumas do passado, o poeta Paulo Bomfim, em sua pequena sala de trabalho no Palácio da Justiça, verdadeiro gabinete de afetos e memórias, soprou ao ouvido da escritora Thais Matarazzo, a “daminha” como ele carinhosamente a chamava, uma personagem que povoara não só sua infância mais tenra como também o imaginário paulistano dos anos 1920/1930: Adelaide Antonia das Dores, alcunhada de “Vovó do Pito” (1823-1934). Tempos depois, quando o menestrel já havia imigrado para o céu, a chama da curiosidade sobre a instigante personalidade reacendeu-se em Thais ao se deparar ela, acidentalmente, numa edição digitalizada de “A Gazeta” de 1929, com uma nota que denotava a reverência da então emergente metrópole à pessoa da Vovó.

A Pauliceia de antanho venerava uma senhora negra centenária, ex-escravizada que obtivera sua alforria por volta de 1869; amiga do lendário abolicionista Luiz Gama (cujo túmulo, no cemitério da Consolação, sempre visitava no dia de seu falecimento); amada pelos estudantes da tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco, que ela chamava de “netinhos”; mencionada, com rotina, nos jornais paulistanos da época; eternizada, pelo pincel de Adrien Henri Vital van Emelen (1868-1943), grande artista plástico belga radicado em São Paulo, em tela atualmente exposta no Museu Paulista; exibida no minuto 59 do documentário “São Paulo, A Sinfonia da Metrópole”, de Adalberto Kemeny e Rodolpho Rex Lustig (produção de 1929), aparição, a propósito, encantadoramente descoberta por Thais (lá está a Vovó, caminhando pelo centro da cidade e identificada como bem descreve o poema-memória do jornalista negro Lino Guedes, publicado como homenagem póstuma a ela no periódico “A Voz da Raça”: blusão florido, saia de chita de ramagens, chapéu de palha grande e o indefectível cachimbo de cano longo de taquara); e ainda torcedora fanática do antigo Palestra Itália, o que parecia inverter os dogmas segregacionistas da época, já que se tratava de uma preta que simpatizava com

um time de futebol composto originariamente por imigrantes brancos. A insólita longevidade de Vovó do Pito poderia facilmente lhe conferir o título de viajante do tempo: nascida no reinado de Dom Pedro I, veio a fechar os olhos sob a égide do governo de Getúlio Vargas. Contudo, a memória emotiva em torno da Vovó foi se apagando paulatinamente à medida que as gerações paulistanas que com ela conviveram desencarnavam.

Thais não demorou a perceber que reinserir Vovó do Pito no imaginário popular seria uma contribuição sincera no processo de humanização da urbe do século XXI. Assim, tomada de uma inspiração única, lançou, em 2020, a tocante obra “Vovó do Pito e o menino Paulo”, com lindas ilustrações da artista plástica Camila Giudice.

Como uma escritora branca, Thais assumiu a coragem de desafiar o conceito de “apropriação cultural”, não raramente usado, de maneira esquizofrênica, para marcar fronteiras bruscas e impedir convívios de aprendizado. Há, decerto, “lugares de fala” privilegiados, mas não exclusivos. Ela nos mostra isso ao falar sobre uma figura da negritude que expressava um elo transgeracional (da criança ao idoso) e de interclasses (do vendedor ambulante de vassouras ao enricado pelo café e pela indústria, do analfabeto ao letrado) numa sociedade historicamente racista. Thais entendeu que Vovó do Pito era, na sua doce e agregadora figura, um verdadeiro milagre antropológico e sociológico, suficientemente capaz de se tornar símbolo permanente da superação de discriminações e da abominação a preconceitos, e igualmente apto como amálgama dos mais nobres sentimentos humanos, despertando o melhor dentro de nós.

Numa coincidência, o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, antecede em um dia a lembrança do passamento de dona Adelaide Antonia, que atingiu, na vida terrena, extraordinários 111 anos de idade. Em janeiro de 2023, Thais Matarazzo sublimou-se para retornar ao palácio das estrelas. E não se duvide que tenha sido ela recebida pelo Poeta de São Paulo lhe dando um buquê de girassóis, adorados pela daminha, e por Vovó do Pito lhe dizendo: “Deus vos guarde, filha bendita!”

José D’Amico Bauab

Bomfinianas

Somos vírgulas, amanhã, pontos finais.

Toda criança é uma prova que $1+1=3$.

PAULO BOMFIM, POETA DA HISTÓRIA PAULISTANA

Em todo seu tempo de vida exuberante e feraz

- Vida que sempre foi especialmente generosa

Com sua cultura, seu talento e sua memória -

Esse paulistano, de boa estirpe e saga bandeirante,

Foi poeta que encenou a vida, tanto em versos, quanto em prosa.

Sua aura de criador, que emanava de divindade,

Vicejou intensamente - profícua e sempre lustrosa -

Na fluência de suas histórias e no vigor de suas lembranças

Avivadas com maestria na fluidez dos decassílabos...

Suavizados num perfume de jasmim e sabor de manga-rosa.

Seus versos revestidos de requintes acadêmicos

E matizes intensos adornando suas rimas poderosas

Fazem, do versejar candente, um primor que tange a glória.

É templo de tradição de feitos reminiscentes

Tecidos de avivadas lembranças tão valiosas.

O poeta Paulo Bomfim, dos bons versos velejador,

Foi timoneiro da história da São Paulo dadivosa,

E, da genuína cultura paulistana, operoso guardião.

Foi predestinada voz a nos brindar com elegância

Detalhes desta cidade, em minúcias preciosas!

Merece as homenagens do povo desta metrópole,

O poeta iluminado que nos brindou com as rimas mais vigorosas.

Chama de fogo forte, que a nós todos elucidava

- Com sua obra rendilhada de paixão e sonoridade -

Os momentos memoráveis de nossa história portentosa.

Reinaldo Bressani
Membro da Academia Cristã de Letras



Paulo Bomfim, entrevistado por Jô Soares, no **Programa do Jô**, TV Globo, 2009.



Paulo Bomfim como apresentador do **Mappin Movietone**, precursor dos telejornais brasileiros, no ar de 1953 a 1965, primeiro na TV Tupi e depois na TV Paulista.

Bomfinianas

O encosto é um chato cósmico.

Não tenho medo da morte, sinto pudor de morrer.



Paulo Bomfim, no dia de sua posse na Academia Paulista de Letras (23 de maio de 1963), cumprimentado por Ibrahím Nobre (de óculos), *O Tribuna de 32*, e pelo poeta Guilherme de Almeida.

ODE AO POETA QUE PARTIU

O Poeta partiu.

Cantou a musa, que por ele logo se encantou.

Traçou a sua linha até Manuel Preto.

Em lira e prosa, humanizou São Paulo.

O Poeta partiu. Partiu cansado,

Após quase 93 ciclos terrenos.

Mas o Nove de Julho permanecerá

Porque Bomfim insistiu.

O Poeta partiu. Partiu cansado,

Mas viveu plenamente

E escondeu o seu entardecer.

Vai, Paulo, segue em paz!

Guilherme e Ibrahím, ansiosos, estão à tua espera!

Nós que, aqui persistimos, agradecidos a ti,

Pranteamos a tua falta.

José D´Amico Bauab

Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

Diretor-Geral

Claudio Cristiano Abreu Corrêa

Secretária de Gestão da Informação e Documental

Lívia Helena Zancopé Cardoso Guiselini

Coordenadora de Gestão Documental

Luci Taveira Amancio

Concepção e curadoria da exposição:

Centro de Memória Eleitoral do TRE-SP - CEMEL

Alicio Reginatto Júnior

Jéssica Albuquerque dos Santos Romão

José D'Amico Bauab

José Washington da Silva Assis

Luiz Alexandre Kikuchi Negrão

Museu do Tribunal de Justiça de São Paulo

Aldo Silveira Scaglione

Ana Paola Marioti Castro

Anderson Reginaldo Rosa

Bruno Bettine de Almeida

Elaine dos Santos Silva

Hevlim Vicente Travassos

Wesley Dias dos Santos

Projeto gráfico da exposição e do livreto:

Coordenadoria de Mídias e Campanhas – SECOM/TRE-SP

Erasmo Nobre da Silva Junior

Marcelo Lessi de Mello

Impressão:

Seção de Produção Gráfica

Vanderlei Antonio Garcia Martins

Agradecimentos Especiais:

Beatriz Pereira Lima Guimarães

Camila Giudice

Carlos Alberto Maciel Romagnoli

Di Bonetti

Janaina Exposito Pinto

João Tomas do Amaral

José Jantália

José Maria Pereira Lopes

Marcelo Tápia Fernandes

Natália Penque Assis

Pedro Paulo Penna Trindade

Reinaldo Bressani

